

ECOLOGIAS PARASITAS NA ARTE: ENCONTROS (IM)POSSÍVEIS ENTRE DELEUZE E MICHEL SERRES

Antonio Almeida da Silva

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/ Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Guilherme Trópia Barreto de Andrade

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO: Nas ecologias do submundo habita uma potência da sarjeta, do picho e da infecção como uma possibilidade de efetivar conexões entre devires animais imprevisíveis. Assim, apresentamos algumas produções artísticas da contemporaneidade, em que arriscamos algumas possibilidades de diálogo com a filosofia de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Serres. Para Serres, o parasita é apresentado como um ruído, que tanto pode ser destrutivo para a vida e como pode fazer nascer na vida uma nova ordem, ainda mais complexa. Para Deleuze, o ser simbiótico/parasita poderia ser definido por um grau de potência singular e, por conseguinte, por certo poder de afetar e de ser afetado. Assim, o artista belga Roa estabelece relações mutualísticas entre seres e objetos e inventam ecologias por meio de alianças e relações com a natureza.

PALAVRAS CHAVE: Arte, Parasitismo, Simbiose e Filosofia.

INCURSÕES ESCRITAS E PROLIFERAÇÃO: NOSSOS OBJETIVOS.

Escavamos na arte contemporânea possibilidades de encontros, diálogos, intersecções, fricções e escapes entre a ecologia e a filosofia para experimentar escritas por meio das nossas sensações e afetos trazidos pelas produções do artista belga Roa. Assim, arriscamos possibilidades de experimentar alguns conceitos trazidos na filosofia de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Serres que atravessam e são atravessados pelas produções artísticas. Busquemos contaminações através desses encontros entre arte, filosofia e ciências. Busquemos inventar encontros parasitas habitados pelas inúmeras invasões da arte e da filosofia, artistas em matilhas que capturam forças da natureza e inventam ecologias (im)possíveis de diferentes materialidades vivas e não vivas.

RASTEJAR E SERPENTEAR NOS APORTES TEORICOS E METODOLÓGICOS

Segundo Michel Serres existem formas interessantes de se aproximar da natureza, ora por parasitismo e ora por simbiose. Para Serres (1985) o parasita é apresentado como um ruído, inverso e contraditório, que pode tanto ser destrutivo para a vida e como pode fazer nascer na vida uma nova ordem, uma ordem mais complexa. Preferimos apostar mais na possibilidade de pensar o ato parasita como um

ruído que reinventa a vida, preparando o corpo para outras batalhas. “Não há canal sem ruído” (SERRES *apud* CORREIA, 2012, p. 33). O ser parasita não rouba a autonomia do outro, pelo contrário, o parasita engendra fluxos de movimento, rebelião, extirpação de um corpo passivo e insensível. O prefixo “para”, no termo parasita, já nos aponta uma proximidade, semelhança, intensidade, ou seja, um ser de relação.

O ruído-parasita interrompe o discurso. Todavia, tem a capacidade de provocar um sistema novo, uma ordem mais complexa, muitas vezes um sistema inverso e contraditório. (SERRES *apud* CORREIA, 2012, p. 33).

Na relação entre parasita e hospedeiro sempre se tenciona uma conflagração, que há uma provocação de mudança na própria relação, está na diferença entre a recepção e a expansão. O importante é pensar o que o parasita produz em si quando se conecta ao outro, que forças habitam nesse indivíduo que levam o hospedeiro há certo devir. Entre o parasita e a vítima há algo que os une, algo que os atrai, algo os bloqueia, como também os repele. No primeiro encontro, na maioria das vezes, gera um estado de doença, um processo febril que pode levar o corpo à destruição, à morte e por outro lado, pode tornar o outro imune, assim, tornando-o muito mais forte e disposto a outros encontros, daí formando um sistema novo, de ordem mais complexa. Tem o poder de reverter quase todo tipo de encontro a seu favor, capturando toda maquinaria para produzir para si novas existências.

Assim, escolhemos e apresentamos algumas produções artísticas da contemporaneidade, em que arriscamos algumas possibilidades de diálogo com a filosofia de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Serres. Desejamos experimentar alguns conceitos-força trazidos nessas diferentes filosofias nas obras de diferentes artistas plásticos no mundo, que apresentam ou trazem de alguma forma a relação entre simbiose, parasitismo e animal na tentativa de criar novas forças, forçar-se as próprias metamorfoses.

Para isso, propõe-se, neste artigo, uma escrita-encontro entre os conceitos de “devir” (devir animal, devir natureza, etc.) trazidos pela filosofia de Deleuze e Guattari, e o conceito de “parasitismo e simbiose” apresentado pelo filósofo Michel Serres, que atravessam e são atravessados pelas diferentes produções artísticas.

Investigamos nos diferentes trabalhos de artistas da contemporaneidade encontros e reflexões com a filosofia, a ciência e a arte. A construção da escrita-artigo se dá através das afecções e sensações emanadas do encontro com as produções artísticas.

Para exemplificar essas relações, escolhemos as produções do artista belga Roa, seu trabalho estabelece relações mutualísticas entre seres e objetos e por muitas vezes, o parasitismo se estabelece entre diferentes corpos.

ESCAVAÇÕES, CONTAMINAÇÕES E RESULTADOS

Numa relação de parasitismo, o desafio é sempre fazer com que o ser patógeno, em vez de matar seu hospedeiro, possa fortalecê-lo. Contudo, a cura não é o que nos interessa, talvez, o que possa ser interessante são as vazões e os ruídos que tal invasor provoca, trazendo ao corpo modificações, perturbações que impulsionam para uma força ativa e re-ativa. Corpo antes acomodado, seguro, conformado, agora passa a se movimentar, criar novas formas de existência.

Parasitas são seres que agenciam encontros e relações. Interessamos pelos movimentos de codificação e decodificação engendrada pelos parasitas que estabelecem outra ordem, alteram padrões em diferentes estruturas. O parasita é um ser agente de individualizações coletivas. “Todavia, tem a capacidade de provocar um sistema novo, uma ordem mais complexa” (SERRES *apud* CORREIA, 2012, p. 33). Um ser parasita temporário ou definitivo estabelece uma apropriação, troca e partilha. Pura simbiose entre a natureza e o humano, pura filosofia da relação.

A relação parasitária é uma relação intersubjectiva, mas numa única direcção, de um único sentido sem reversibilidade, ou seja, assimétrica: “a simples flecha, assimétrica, mais elementar, oferece sem cessar ao parasita um lugar de destaque, perigoso, trágico, exposto”. (SERRES *apud* CORREIA, 2012, p. 34).

O artista **belga Roa**¹ parasita os muros e paredes das cidades com seus hospedeiros: animais selvagens, escrotos e repugnantes dispostos a serem contaminados pela paisagem. Seres decapitados, dissecados, ora expondo suas vísceras, corpos animais antecipados para uma decomposição.

Aberrações urbanas que contaminadas pelo mundo contemporâneo, espalham-se na cidade como pragas. Animais portadores de doenças, vírus, venenos, febre ou inflamações. Instauram desconforto, medo e insegurança diante da ausência do contágio. Também produzem fascínio e admiração, assim, já não são mais rejeitados, pois, se tornam análogos ao hospedeiro e por mimetismo já fazem parte da cidade. São grafitados violentamente por seus excessos. Seres parasitas e hóspedes de sua própria morada, criatura do novo mundo, todos são cúmplices das estranhas relações com o ambiente.



Fig. 1. Mural in Berlin-Kreuzberg. Roa, 2011.²

Escrotos animais, interrompidos pela paisagem, instauram um ruído na cidade que impede de ver a cidade com os mesmos olhos. Seres invisíveis, negligenciados e indesejáveis, predominam a paisagem e estabelecem uma simetria com os becos e lugares abandonados da cidade. Invadem e ocupam esgotos, muros, calçadas, vielas e todo o submundo.

O ato de grafitar tem toda uma passagem animal, devir serpente, que cobreja o corpo, balança o giz e expele seus venenos. O artista como um parasita, ocupando e contaminando as paredes da cidade com seu picho, espalhando suas toxinas e epidemias ideológicas, abrindo territórios invisíveis e imperceptíveis. Artista-parasita age na clandestinidade, um marginal dos afectos, que ocupa o território-

1. Aqui fazemos uma menção à diversidade de grafites do belga Roa em diferentes lugares do mundo, somente para exemplificar: ROA Mural in Berlin-Kreuzberg. Painted in 2011.

2. Roa, 2016. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/ROA_\(artist\)#/media/File:ROA_in_Berlin_20011.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/ROA_(artist)#/media/File:ROA_in_Berlin_20011.jpg)> 16 de janeiro de 2017.

rio do outro sem que o outro perceba ou suspeite. “O parasita é um excitador. Se produz toxinas, febre ou inflamações, o parasita é um excitador térmico, um excitador do meio, um operador que excita o sistema” (SERRES *apud* CORREIA, 2012, p. 34).

O artista como um andarilho noturno espalhando seus afectos subterrâneos. “Os afectos são precisamente estes devires não humanos do homem, como os perceptos (entre eles a cidade) são as paisagens não humanas da natureza” (DELEUZE, 2010, p. 200).

O artista mesmo solitário produz silenciosamente movimentos de multidão, não há como ficar totalmente indiferente a seus pelos, peles, patas e dentes que escarificam o corpo cidade. Muitos devires animais ocorrem no silêncio e são quase imperceptíveis. O artista camundongo, pombo, calango, orangotango,..., contrai um hábito animal. Um devir animal no artista, farejando, urinando, defecando e masturbando. O artista como um ser estercoreário que marca seu território pelos seus dejetos. Artista produz uma ecologia estercoreária, solitário ou em matilha habita o mundano, multidões que animam campos de batalhas, movimentam a escuridão das cidades. Instaura um devir carrapato, devir piolho e devir cão. Proliferação.

Contudo, não se trata de imitar, de tentar ser, nem mesmo de parecer. O devir constitui-se em blocos de sensações e “a imitação não intervém senão para o ajuste de tal bloco, como numa última preocupação de perfeição, uma piscadela de olho, uma assinatura” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 107).

O artista-animal sempre à espreita, vigilando o tempo todo, atento aos mínimos sinais. Atento a qualquer perigo, atento a tudo que tende a capturá-lo, amordaçá-lo e domesticá-lo.

O devir pode e deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal devindo. O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele devém; e, simultaneamente, o devir-outro do animal é real sem que esse outro seja real. É este ponto que será necessário explicar: como um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro (DELEUZE, 2012, p. 19).

Devires animais agem como carrapatos, como lobos, como piolhos, sempre em busca de um afeto, demarcar seu território por vozes animais: cacarejam, ululam, chilreiam, relinçam e ladrilham ritmos e ritos produzindo vibrações e cantorias que arrastam as singularidades. Devires são carnívoros, insetívoros, herbívoros, que comem e são a mesmo tempo comidos pelo que lhes nutrem. O predador ao capturar uma presa, também é capturado por ela, assim, assim,... é o encontro, fica sempre algo do outro em si mesmo.



Fig. 2. Makasutu, Gambia, Roa, 2014.³

Devir animal é sempre coletivo levando consigo multiplicidades selvagens e agem como um bando de búfalos, como uma alcateia, como uma ninhada, como cupinzeiro esculpindo rizomas. Animais que apresentam forças intempestivas, que estão para contradizer, incomodar e desfigurar o corpo. É preciso sair do organismo programado, e de certa forma calcificado, movimentar zonas de intensidade e zonas de vizinhança.

Parasitas instauram uma ecologia do chão, da sarjeta, agem como rizomas: constituem redes, laços e cordas, infundáveis ligações e pontos de intersecção. Devemos agir como eficientes parasitas e negociar com os hospedeiros, respeitando suas condições e ao mesmo tempo transgredindo as suas normas, condutas que lhe enrijecem e distanciam e intimidam diante do novo. Um agir parasita nunca deixar de provocar no outro algumas mutações.

As ecologias parasitárias também são “ecologias inventivas”. Ecologias que se alimentam da antropofagia das inventividades e das diferenças. Ecologias que inquietam por criar.

... Incomodam como ervas daninhas para uma agricultura dita produtiva, mas estão pelo ‘meio’ e duram enquanto há sentidos para uma existência e podem ser captadas na experiência do instante. É preciso uma abertura corporal para acolhê-las enquanto experimentação, do contrário, elas passam, pulverizadas que são pela força dos herbicidas. (PREVE, GUIMARÃES, et all, 2012, p.14).

Um corpo parasitado é um corpo afetado pela força do (sub)mundo. Sujeito afetado, que sofre pelos encontros que atravessam, corpo sempre à espreita de alguns poucos afetos, busca ser afetado por esses escassos afetos, escolhe ser afetado pelas agitações que lhe afetam, filtram algumas afecções.

3. Roa, 2016. Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/536702480568523246/> > em 16 de janeiro de 2017.



Fig. 3. Trabalho na África do Sul- foto Martha Cooper, Roa, 2014.⁴

Artistas e suas existências menores arrastam a ecologia para possibilidades de experimentação e criação com e através da arte. Aventurar pelas manifestações artísticas que atravessam a natureza pela experimentação. Trazer vestígios, movimentos que habitam na relação entre ecologias, filosofias e imagens, que apostam nas mais diferentes relações parasitárias para inventar novas formas de vida, que idealizam ecologias corrompidas pela imaginação. “Na experimentação, abandonam-se convicções e certezas, fazendo-se disponível às linguagens, aos estímulos neste ou naquele momento, às intensidades presentes nos percursos” (GODOY, 2008, p. 28). Assim, o artista parasita corpos, cidades e imagens, afetando, desestabilizando o outro e a si mesmo, numa dupla captura que leva a arte e as ciências para outras possibilidades de (re) existência.

Propomos nessa escrita-artigo, pensar as produções artísticas como práticas que arrastam o Eco para Sistemas em derivas, buscando outras adaptações, contaminações, invasões, infecções, parasitismos, canibalismos, sincretismos, simbioses, hibridismos, metamorfoses, mutações, mestiçagem, adaptações, sustentabilidade, afinidade, permeabilidade entre outras formas para pensar e refletir sobre as (im)possibilidades de experimentação com a natureza. As artes visuais atuando como organismos orgânicos e inorgânicos que interferem e sofrem interferências das/nas micro e macro relações com a natureza e cultura.

4. Roa, 2016. Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/536702480568523246/> > em 15 de janeiro de 2017.

No encontro com o artista e suas produções, que entende a natureza como uma intensa potencialidade de experimentação. Cada encontro lançava a uma escrita outra, formando um emaranhado de possibilidades de invenções com a natureza. Cada encontro gerava um gesto de pura afecção. O gesto desses encontros nos rendeu arrebatadores contágios, assim, fomos convidados a conhecer melhor as diferentes produções contaminadas de atravessamentos com e pela natureza e assim pensar em novas práticas ecológicas que parasitam o mundo por meio dos afetos políticos, éticos e estéticos.

INTER(FE) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREIA, A. B. P. (2012). *Do parasitismo à simbiose: a responsabilidade ecológica em Michel Serres*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Porto. In: < https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=505277 > disponível em 21/06/2016.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. (2012). *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol 4, São Paulo: Editora 34.
- (2010). *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- (1997). *Mil platôs*, vol 3, Rio de Janeiro: Editora 34.
- GALLO, S. (2003). *Deleuze e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- GODOY, A. (2008). *A menor das ecológicas*. São Paulo: Edusp.
- PREVE, Ana M. Hoepers; GUIMARÃES, L. BELINASSO,... [et al.] (org.). *Ecológicas inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

